

NOVATION

Critical Studies of Innovation

NOVATION

Critical Studies of Innovation

[Online Journal]

Quarta Edição
2022

Perspectivas críticas em inovação social, empresa social e/ou economia social solidária

Editores Convidados

Michael Bull, Universidade Metropolitana de Manchester

Tim Curtis, Universidade de Northampton

Vicky Nowak, Universidade Metropolitana de Manchester

Hosted by *Universidade Federal do Paraná*, Centre | Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Curitiba, Brasil.



Sobre Nós

A revista internacional *NOvation: Critical Studies of Innovation* foi criada para contribuir com o repensar e a desconstrução das narrativas de inovação nos campos de CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade) e CTI (Ciência, Tecnologia e Inovação). É necessário examinar criticamente os estudos de inovação e obter uma compreensão mais clara da inovação do que a representação tradicional a que esse campo está acostumado. A revista questiona as narrativas atuais de inovação e oferece um fórum para discutir diferentes interpretações da inovação, abordando não apenas suas virtudes, mas também suas implicações. Nesse contexto, 'NO' refere-se a comportamentos não-inovadores, que são tão importantes para nossas sociedades quanto a inovação. Falhas, imitações e efeitos negativos da inovação, para citar apenas alguns exemplos de não-inovação ou NOvation, são raramente considerados e quase nunca fazem parte das teorias de inovação.

ISSN 2562-7147

Declaração de Direitos Autorais

Este é um periódico de Acesso Aberto, licenciado sob uma licença Creative Commons – CC Atribuição-Não Comercial-Compartilha Igual 4.0. Para mais informações, acesse <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>.

Entre em contato conosco

novation@ufcs.inrs.ca

Editor Executivo

Tiago Brandão

Design

Paulo Teles

Conselho Editorial

Beata Segercrantz
Boris Raehme
Carolina Bagattolli
Cornelius Schubert
Darryl Cressman
Dominique Vinck
Fayaz Ahmad
Gérald Gaglio
Juan Carlos Moreno
Lee Vinsel
Lucien von Schomberg
Mónica Edwards-Schachter
Noela Invernizzi
Rick Hölsgens
Sebastian Pfotenhaue
Ulrich Ufer
Vincent Blok
Zhanxiong Liu

Conselho Honorário

Aant Elzinga
Andrew Jamison
Benoît Godin
David Edgerton
Peter Weingart
Reijo Miettinen

Revisores

Bonno Pel
Karina Maldonado-Marisca
Mike Bresnen
Richard Hazenberg
Rory Ridley-Duff
Stefania Sardo

Apoios



history
territories
communities



NOVA FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



**CENTRE FOR
FUNCTIONAL ECOLOGY**
SCIENCE FOR PEOPLE & THE PLANET

Sumário

1. **Michael Bull, Timothy Curtis e Vicky Nowak**
Apresentação editorial: Perspectivas críticas em inovação social, empresa social e/ou economia social solidária, pp. 1-7
2. **Timothy Curtis, Michael Bull e Vicky Nowak**
A crescente onda de criticidade no empreendedorismo social e na inovação social, pp. 8-34
3. **Bonno Pel, Julia M. Wittmayer, Flor Avelino e Tom Bauler**
Paradoxos da inovação social transformadora: Da Consciência Crítica às Estratégias de Investigação, pp. 35-61
4. **Stefania Sardo, Beniamino Callegari e Bisrat A. Misganaw**
Tudo e nada: uma análise crítica do "social" nos estudos de inovação e empreendedorismo, pp. 62-87
5. **Timothy Curtis**
Além da bricolagem: a inovação social como um processo sistemático, consistente e repetível, pp. 88-117
6. **Hande Sinem Ergun e Seray Begüm Samur-Teraman**
Um ciclo vicioso de conceitualização superficial: Desconstruindo a natureza no discurso da inovação social (política), pp. 118-142

Apresentação editorial

Perspectivas críticas em inovação social, empresa social e/ou economia social solidária

Michael Bull*, Tim Curtis e Vicky Nowak***

**Universidade Metropolitana de Manchester* 

***Universidade de Northampton* 

****Universidade Metropolitana de Manchester* 

Esta edição temática busca explorar perspectivas críticas de natureza internacional sobre inovação social (IS), empresa social (ES) e/ou economia social solidária (ESS). O objetivo é examinar a grande narrativa, explorar as suposições ontológicas do campo, desafiar a normativa e apresentar alternativas que chamem a atenção para a economia política, a teoria crítica e os estudos críticos de gestão.

As perspectivas críticas surgiram na literatura sobre inovação social (IS) como um esforço conjunto em algum momento de 2008. Algumas vozes soaram das bordas do campo muito antes. Ash Amin, professor de Geografia da Universidade de Durham, inspecionou o novo favorito das políticas públicas em 2002, descartou-o como "um substituto ruim para o estado de bem-estar" e nunca mais voltou ao assunto. Houve debates acalorados que desafiaram a grande narrativa da IS nas Conferências Internacionais de Pesquisa em Inovação Social (ISIRC) (antes chamada de Conferência de Pesquisa em Empresa Social, antes de se tornar ISIRC com o envolvimento do tema de inovação social do Skoll Centre). As conferências da Rede de Estudos do Setor Voluntário (VSSN) abordaram a promessa de desempenho e realização ilimitados do novo SE em uma rede madura de voluntariado e caridade (Aiken, 2002, 2006, 2007; Grenier, 2009; Pharaoh, Scott & Fisher, 2004). Ainda assim, de modo geral, a literatura dos últimos vinte anos tem se mostrado extremamente interessada em promover a empresa social (ES) e a ES como (a) algo inerentemente bom, (b) uma solução para todos os problemas e (c) um complemento politicamente neutro para a economia neoliberal em nível global.

Entre 2005 e 2008, alguns acadêmicos estavam começando a fazer incursões concertadas no campo da ES que desafiavam as superpotências dotadas da retórica da ES/SI. Primeiro, por meio de apresentações em conferências, especialmente em 2006, um seminário de um dia na Manchester Metropolitan University, "Critical Perspectives



on Social Enterprise", seguido de uma edição especial no *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research* (Bull, 2008). Publicações individuais posteriores desenvolveram os temas críticos em diferentes direções (Seanor *et al.*, 2013; Curtis, 2008; Curtis *et al.*, 2010; Grant, 2008; Scott-Cato *et al.*, 2008; Scott & Hillier, 2010; Jones *et al.*, 2008a, Betta *et al.*, 2010; Bull & Ridley-Duff, 2019; Ridley-Duff & Bull, 2021), cada uma contornando a questão da teoria crítica e se concentrando em encontrar o "social" na ES, mas não abordando a teoria crítica de frente.

Então, no Skoll Centre Research Colloquium on Social Entrepreneurship de 2010, na Said Business School, em Oxford, Pascal Dey, da University Applied Science, Northwestern, Suíça, entrou em cena, impressionando a multidão reunida com a lucidez de seu artigo (Dey, 2010) sobre a violência simbólica no discurso do empreendedorismo social. A teoria crítica havia amadurecido, afastando-se das críticas funcionais (as ESs não fazem o que alegam) e dos debates territoriais (as ESs são empresas disfarçadas ou instituições de caridade fazem isso de qualquer maneira) para uma investigação mais fundamentada teoricamente, trabalhando deliberadamente a partir da teoria crítica e com ela. Steyaert e Dey (2010) deram sequência a isso, na primeira edição do *Journal of Social Entrepreneurship*, com um apelo maduro para manter a pesquisa sobre empresas sociais "perigosa".

Desde então, as perspectivas críticas sobre a IS se ampliaram e se diversificaram com faixas de perspectivas críticas na EMES International Research Network, ISIRC e outras conferências relacionadas à IS, bem como um número crescente de PhDs e pesquisadores em início de carreira adotando uma lente crítica no estudo da IS. Embora o pensamento crítico "comum" possa ser descrito como uma atitude de estar disposto a considerar, de forma ponderada, os problemas e os assuntos que se enquadram no âmbito de suas experiências (Glaser, 1941). No entanto, as perspectivas críticas que buscamos desenvolver nesta edição temática são mais bem descritas por Horkheimer (1982), por meio das quais questionamos os fatos que nossos sentidos nos apresentam como abordagens socialmente executadas para a compreensão nas ciências sociais. Devemos começar com uma compreensão de uma experiência "social" em si, sempre moldada por ideias que estão nos próprios pesquisadores. O projeto de uma perspectiva crítica também é "libertar os seres humanos das circunstâncias que os escravizam" (Horkheimer 1982, p. 244), e não apenas descrever as funções dessas circunstâncias.

Até o final do século XIX, a IS era entendida como subversiva da ordem social (Sargant, 1858), mas no meio francês era uma "inovação feliz" do progresso social (Comte, 1841). O que parece ter ocorrido na pesquisa e nas publicações sobre as perspectivas críticas da inovação social na última década é um engajamento triplo com questões epistemológicas, um aproveitamento dos contributos teóricos dos pensadores da teoria crítica popular e desafios às estratégias metodológicas normativas na pesquisa. Entretanto, parece haver uma escassez de desafios aos pressupostos ontológicos (Hu, 2018, Hu *et*

al., 2019). Por questões epistemológicas, queremos dizer a pergunta "o que é o 'social' na empresa social?", considerando (como o restante desta revista faz) que o social não é apenas um modificador da inovação, mas a inovação e a empresa como um modificador do social (Arthur *et al.*, 2006, Bull & Ridley-Duff, 2019). Em termos de engajamento com teóricos críticos e desafios à pesquisa normativa, há pesquisas, por exemplo, sobre Bourdieu (Teasdale *et al.*, 2012); Giddens (Nicholls & Cho, 2006); Foucault (Curtis, 2007); Polanyi (Bull & Ridley-Duff, 2019; Roy & Grant, 2020; Thompson *et al.*, 2020) e Ostrom (Ridley-Duff & Bull, 2021; Peredo *et al.*, 2020) que oferecem caminhos para o desenvolvimento. Da mesma forma, uma convergência na noção de IS como bricolagem social (Di Domenico *et al.*, 2010) representa uma virada pós-moderna em vez de uma virada crítica que poderia oferecer novos caminhos de exploração. Em termos metodológicos, também é necessário um trabalho mais construtivista/revisionista social, por exemplo, Froggett e Chamberlayne (2004). Há outras perspectivas críticas que contam com alguns pesquisadores trabalhando em pequenos grupos. Na economia política, há perspectivas marxistas, ecológicas e comunitárias (Yıldırım & Tuncalp, 2016; Scott-Cato, 2008; Scott & Hillier, 2010; Ridley-Duff, 2007). Há uma pequena literatura feminista que explora o trabalho imaterial e afetivo (Jones *et al.*, 2008b; Teasdale *et al.*, 2011), e algumas na teoria queer – explorando transgressões e desvios, como Grenier (2010) e Dey e Teasdale (2013). Há um número ainda menor de trabalhos no espaço pós-colonialista, incluindo Green Nyoni (2016) e Watkins (2017).

Esta edição temática busca revisitar, revisar e reavivar o projeto emancipatório e crítico proposto pelo fundador desta revista, Benoît Godin. Com esse objetivo, esta edição temática da *NOvation* convidou os autores a enviarem artigos com foco especial nas perspectivas críticas sobre inovação social, empresa social e economia social solidária (ESS), para promover perspectivas novas e emergentes.

Os cinco artigos apresentados nesta edição temática exploram perspectivas críticas sobre SI, SE e SSE. O primeiro artigo, escrito pelos próprios Editores Convidados, **Curtis, Bull e Nowak**, descreve a crescente onda de criticidade na pesquisa de SI. Eles apresentam três ondas de pesquisa no campo até o momento. A primeira onda de criticidade na pesquisa de IS/ES que eles apresentam delineia críticas ao "social" na pesquisa de empresas sociais, que buscou desafiar o status pró-negócios e de celebridade dado à ES. A segunda onda destaca uma mudança pós-estruturalista, em que a pesquisa desafiou os fundamentos teóricos da pesquisa de ES/SI. A terceira onda, segundo eles, constitui uma ameaça perigosa à apreciação política desse movimento pela esquerda. Enquanto a segunda onda buscava abrir e acolher opiniões que desafiavam a ontologia e os fundamentos epistemológicos do pensamento, a terceira onda tem o potencial de cooptação da direita. Portanto, eles pedem uma conceituação mais forense sobre o que é "bom", "ético" e "social" no SI/SE, com essa ameaça à hegemonia cultural, subvertendo e mudando a emancipação intelectual do campo.

O segundo artigo de **Pel, Wittmayer, Avelino e Bauler** retoma questões críticas ao detalhar os paradoxos intrínsecos e generalizados da IS transformadora (TSI) e oferecer aos pesquisadores estratégias concretas para lidar com eles. Os autores identificam três paradoxos centrais da inovação social: reprodução do sistema, temporalidade e construção da realidade. A reprodução do sistema é encontrada quando a IS desafia e reproduz a ordem social existente. O paradoxo do tempo chama a atenção para o fato de que o mesmo SI pode ser considerado novo e antigo, variando em diferentes momentos e contextos. Os paradoxos da construção da realidade ocorrem quando a IS existe tanto como atividade concreta quanto como projeção/interpretação, com pesquisadores envolvidos na formação e coprodução dos fenômenos da IS. Combinando sua ampla experiência em pesquisa e exemplos empíricos da literatura, os autores demonstram como esses paradoxos são parte integrante dos fenômenos de TSI e apontam como a clareza metodológica é necessária para compreendê-los adequadamente. Isso leva a sugestões de estratégias claras de pesquisa que ajudarão os pesquisadores de IS a navegar em cada um desses paradoxos.

O terceiro documento de **Sardo, Callegari e Misganaw** examina o "social" nos estudos atuais sobre inovação social e empreendedorismo e como ele tem sido apropriado. Após a revisão da literatura de 18 das principais revistas sobre inovação e empreendedorismo, eles identificam quatro categorias: as abordagens disciplinares e integracionistas são aquelas em que o social é integrado à estrutura e ao discurso dominantes existentes; a abordagem separatista é uma crítica ao interesse próprio e fornece ideias de altruísmo, estilo de vida e dimensões democráticas, considerando a natureza específica do contexto do "social"; por fim, a abordagem essencialista é discutida como argumentos para que a natureza social da inovação e do empreendedorismo seja integrada à corrente principal, trazendo à tona os ecossistemas e a natureza socialmente construída da inovação e do empreendedorismo. Eles pedem uma integração mais substancial da dimensão social em estudos críticos, mas alertam que as tensões sobre a extensão para caminhos separatistas e essencialistas não podem ser reconciliadas com os desenvolvimentos lineares existentes.

O quarto artigo de **Curtis** apresenta uma abordagem realista crítica e de análise de sistemas, usando a metodologia de sistemas flexíveis de Checkland para a pesquisa empírica. O artigo usa evidências de um estudo de pesquisa sobre policiamento comunitário e a adoção de um manual especificamente projetado para ajudar os inovadores sociais a implementar soluções e práticas identificadas localmente (cadeias de resultados de mecanismos de contexto) que defendem que o SI é mais do que uma bricolagem social e não uma arte misteriosa de inovação, mas sim um processo sistemático e replicável.

O último e quinto artigo de **Ergun e Begum** explora o nexos entre a IE e o meio ambiente. O artigo desafia a narrativa dos Programas de Desenvolvimento das Nações Unidas por meio de uma lente de análise de discurso ecocrítica (ECDA) de quatorze

publicações da ONU. Eles sugerem que a predominância de uma perspectiva antropocêntrica, onde reside o neoliberalismo, é comum nessas publicações. Eles afirmam que somente quando mudarmos para um discurso ecocêntrico é que nos alinharemos com a natureza e resolveremos os problemas socioeconômicos do mundo.

Esperamos que esta edição temática desperte algum interesse e provoque conversas interessantes no futuro. Muito obrigado aos revisores, aos autores e, acima de tudo, aos editores da *NOvation*, por confiarem a nós esta edição temática! Esperamos que os acadêmicos gostem da edição tanto quanto nós gostamos de reuni-la.

REFERÊNCIAS

- Aiken, D. M. (2006). How Do Social Enterprises Operating In Commercial Markets Reproduce Their Organisational Values? *3rd Annual UK Social Enterprise Research Conference*. London: South Bank University.
- Aiken, M. (2002). *Managing Values: the reproduction of organisational values in social economy organisations*. Doctoral dissertation, The Open University.
- Aiken, M. (2007). *What is the role of social enterprise in finding, creating and maintaining employment for disadvantaged groups?* Cabinet Office: Office of the Third Sector.
- Arthur, L., Keenoy, T., Scott Cato, M., & Smith, R. (2006). *Where is the 'social' in social enterprise? Third Annual Social Enterprise Conference*, June 22–23, London: South Bank University.
- Betta, M., Jones, R., & Latham, J. (2010). Entrepreneurship and the innovative self: A Schumpeterian reflection. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 16(3), 229-244.
- Bull, M. (2008). Challenging tensions: critical, theoretical and empirical perspectives on social enterprise. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 14(5), 268-275.
- Bull, M., & Ridley-Duff, R. (2018). Towards an appreciation of ethics in social enterprise business models. *Journal of Business Ethics*, 159, 619-634. <https://doi.org/10.1007/s10551-018-3794-5>
- Bull, M., Ridley-Duff, R., Whittam, G., & Baines, S. (2018). Challenging tensions and contradictions: Critical, theoretical and empirical perspectives on social enterprise, *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 24(3), 582-586. <https://doi.org/10.1108/IJEBR-05-2018-526>
- Comte, A., (1841). *Cours de philosophie positive* (Volume 5). Second Edition, Paris: Ballière et Fils [1864].
- Curtis, T. (2007). Mind forg'd: taking a Foucauldian look at prison based social enterprises. *Fourth Annual UK Social Enterprise Research Conference*. London: South Bank University.
- Curtis, T. (2008). Finding that grit makes a pearl: a critical re-reading of research into social enterprise. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 14(5), 276-290.
- Curtis, T., Herbst, J., & Gumkovska, M. (2010). The social economy of trust: social entrepreneurship experiences in Poland. *Social Enterprise Journal*, 6(3), 194-209.
- Dey, P (2010). 'The Symbolic Violence of 'Social Entrepreneurship': Language, Power and the Question of the Social (Subject)'. - 3rd Research colloquium on social entrepreneurship. Oxford UK.

- Dey, P., & Teasdale, S. (2013). Social enterprise and dis/identification: The politics of identity work in the English third sector. *Administrative Theory & Praxis*, 35(2), 248-270.
- Di Domenico, M., Haugh, H., & Tracey, P. (2010). Social bricolage: Theorizing social value creation in social enterprises. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 34(4), 681-703.
- Froggett, L., & Chamberlayne, P. (2004). Narratives of social enterprise: From biography to practice and policy critique. *Qualitative Social Work*, 3(1), 61-77.
- Glaser, E. (1941). *An experiment in the development of critical thinking*. New York: Bureau of Publications, Teachers College, Columbia University.
- Grant, S. (2008). Contextualising social enterprise in New Zealand. *Social Enterprise Journal*, 4(1), 9-23.
- Grenier, P. (2009). 'Social Entrepreneurship in the UK: from Rhetoric to Reality'. In: R. Ziegler (Ed.), *An Introduction to Social Entrepreneurship: Voices, Preconditions, Contexts* (p. 174-206). Cheltenham, UK: Edward Elgar.
- Grenier, P. (2010). Vision and Values: The Relationship between the Visions and Actions of Social Entrepreneurs. In K. Hockerts, J. Mair & J. Robinson (Eds.), *Values and opportunities in social entrepreneurship* (p. 52-70). London: Springer, Palgrave Macmillan.
- Horkheimer, M., (1982). *Critical Theory*. New York: Seabury Press.
- Hu, X. (2018). Methodological implications of critical realism for entrepreneurship research. *Journal of Critical Realism*, 17(2), 118-139.
- Hu, X., Marlow, S., Zimmermann, A., Martin, L., & Frank, R. (2019). Understanding opportunities in social entrepreneurship: A critical realist abstraction. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 44(5), 1032-1056
- Jones, R., Latham, J., & Betta, M. (2008a). Narrative construction of the social entrepreneurial identity. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 14(5), 330-345
- Jones, R., Latham, J., Betta, M., & Goss, D. (2008b). Foucault, feminism, shame, and the dynamics of discourse: theorising entrepreneurship on the borders of established convention. In L. M. Gillin (Ed.), *Regional Frontiers of Entrepreneurship Research: 5th International Australian Graduate School of Entrepreneurship (AGSE) Entrepreneurship Research Exchange* (p. 611-622). Melbourne, Victoria, Australia, February 5-8.
- Nicholls, A., & Cho, A. H. (2006). Social entrepreneurship: the structuration of a field. In A. Nicholls (Ed.), *Social Entrepreneurship: New Models of Sustainable Social Change* (p. 99-118). Oxford: Oxford University Press.
- Nyoni, G. A. (2016). *Exploring the problems and possibilities of capacity building in refugee organisations: the case of Manchester refugee support network (MRSN)*. Doctoral thesis (PhD), Manchester Metropolitan University.
- Peredo, A. M., Haugh, H. M., Hudon, M., & Meyer, C. (2020). Mapping Concepts and Issues in the Ethics of the Commons: Introduction to the Special Issue. *Journal of Business Ethics*, 166(4), 659-672.
- Pharoah, C., Scott, D., & Fisher, A. (2004). 'Social Enterprise in the balance: Challenges for the voluntary sector'. Charities Aid Foundation.
- Ridley-Duff, R. (2007). Communitarian perspectives on social enterprise. *Corporate Governance: An International Review*, 15(2), 382-392.
- Ridley-Duff, R., & Bull, M., (2021). The coming of age of the social solidarity economy through hybrid internet-based organizational forms. *Business Strategy & the Environment*. Iss.1. no.18 DOI: 10.1002/bse.2707
- Roy, M. J., and Grant, S. (2020). The contemporary relevance of Karl Polanyi to critical social enterprise scholarship. *Journal of Social Entrepreneurship*, 11(2), 177-193.
- Sargant, W. L. (1858). 'Social Innovators and Their Schemes', London: Smith, Elder and Co.

- Scott-Cato, S., Arthur, L., Keenoy, T., & Smith, R. (2008). Entrepreneurial energy: Associative entrepreneurship in the renewable energy sector in Wales. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 14(5), 313-329.
- Seanor, P., Bull, M., Baines, S., & Ridley-Duff, R. (2013). Narratives of transition from social to enterprise: you can't get there from here! *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*. 19(3), 324-343.
- Steyaert, C., & Dey, P. (2010). Nine verbs to keep the social entrepreneurship research agenda 'dangerous'. *Journal of Social Entrepreneurship*, 1(2), 231-254.
- Teasdale, S., Dey, P., & Steyaert, C. (2012). Social entrepreneurship: Critique and the radical enactment of the social. *Social Enterprise Journal*. Vol. 8 No. 2, pp. 90-107.
- Teasdale, S., McKay, S., Phillimore, J., & Teasdale, N. (2011). Exploring gender and social entrepreneurship: women's leadership, employment and participation in the third sector and social enterprises. *Voluntary Sector Review*, 2(1), 57-76.
- Thompson, M., Nowak, V., Southern, A., Davies, J., & Furmedge, P. (2020). Re-grounding the city with Polanyi: From urban entrepreneurialism to entrepreneurial municipalism. *Environment and Planning A: Economy and Space*, 52(6), 1171-1194.
- Watkins, H. M. (2017). Beyond sweat equity: Community organising beyond the Third Way. *Urban Studies*, 54(9), 2139-2154.
- Yıldırım, N., & Tuncalp, D. (2016). Legitimizing Mitigator or a Powerful Comrade? Social Innovation from a Marxist Perspective. [Paper presentation] 32nd EGOS Colloquium – European Group for Organizational Studies. Subtheme 18: Marxist Organization Studies: Institutional Forms of Power and their Legitimacy: Napoli, Italy.